

Institute For Cristian Teaching  
Department of Education  
General Conference of Seventh-Day Adventists

"OS VALORES NA FICÇÃO, A EDUCAÇÃO BIBLICO-CRISTA  
E O PROFESSOR DE LITERATURA"

Por  
Afonso Ligório Cardoso  
Professor de Literatura  
Instituto Adventista de Ensino  
Campus Central - Engenheiro Coelho

Preparado para  
The Integration of Faith and Learning Seminar  
Realizado no  
Instituto Adventista de Ensino - São Paulo  
Julho de 1994

**215-94** Institute for Christian Teaching  
12501 Old Columbia Pike  
Silver Spring, MD 20904 USA

## Introdução

Tenho-me questionado quanto à aplicação da obra literária em minhas aulas. Pode de fato a literatura ficcional ser administrada de forma coerente com os princípios bíblico-cristãos? Como o professor da área pode ou deve trabalhar com seus alunos tal matéria? Além disso, não são raros os casos de alunos que chegam a mim com trechos de livros de Elen G. White alertando ou advertindo quanto ao uso da literatura de ficção.

Parece que apenas eliminando ou apresentando somente resumos de obras literárias aos alunos, não estaremos cumprindo os propósitos exarados por E. G. White para a matéria de literatura. Temos orientações claras e convincentes a respeito. Resta-nos extrair as implicações, sistematizá-las e aplicá-las sem receio, convictos de estarmos no caminho certo; os resultados serão positivos e gratificantes.

## Objetivos

Neste ensaio voltamo-nos à literatura como abertura para formação de uma nova mentalidade e caracteres. Tentaremos, pois, examinar sucintamente alguns conceitos fundamentais de literatura; definir o termo ficção e, acima de tudo, selecionar procedimentos da matéria que nos parecem básicos para o estudo e/ou integração de fé e ensino/aprendizagem. E como a literatura tornou-se um dos campos onde estão sendo semeados valores que, sem dúvida integrarão a nova mentalidade e influirão no destino eterno, serão levantados os principais padrões de comportamento que se defrontam, hoje, no caos da nossa civilização em mudança.

São os padrões chamados "valores tradicionais" e os "valores modernos", gerados em reação aos antigos, mas que ainda não foram equacionados em sistema.<sup>1</sup>

#### Delimitação do problema

Propomo-nos a analisar a literatura. Começaremos por delimitá-la em relação às suas mais diversas manifestações. Portanto, há que ficar bem estabelecido:

1) que o termo literatura, hoje, é entendido como qualquer obra escrita, mas que o enfoque aqui será literatura enquanto ficção;

2) que entender o fenômeno literário depende da interpretação de um seguimento social ou da formação do leitor;

3) que não há uma única compreensão numa obra literária tal como há num dado científico técnico;

4) que ao delimitar as manifestações literárias, elegemos uma - a narrativa - nas suas espécies, a saber: o romance, o conto, a epopéia, a fábula ...; e nos interessa o seu manejo nas escolas adventistas.

#### Tentativa de Conceituação

Na atual sociedade de transformações estruturais, a noção que vem predominando de literatura, entre os estudiosos das várias áreas de conhecimentos, é a de identificá-la como um dinâmico processo de produção/recepção que, conscientemente ou não, se converta em favor de intervenção ética, religiosa, política e sociológica.

Na verdade, desde Platão e Aristóteles, a literatura é

vista com a função de atuar sobre a mente, onde se decidem as vontades ou as ações, onde se criam as emoções, paixões, desejos, sentimentos e lutas de toda ordem.<sup>2</sup> Representando o mundo, o sonho, a vida através da palavra, a literatura funde os sonhos e a vida prática; o imaginário e o real; os ideais e sua possível/impossível realização.<sup>3</sup>

Analisaremos, pois, um conceito de literatura dentro do Formalismo Russo. Esta é a linha que primeiro tentou dar um conceito científico para literatura. Os críticos literários russos liderados por Roman Jakobson<sup>4</sup> chegaram à conclusão que literatura é um objeto produzido como qualquer outro e, por isso mesmo, há leis científicas que o regem. A principal é a lei do desvio do signo lingüístico. Porém, o que é o signo lingüístico? Pode ser definido como "entidade de comunicação constituída pelo significante (parte concreta) e significado (parte da imagem, idéia )" e o representamos graficamente assim: Sig= SGT/SGD.

O signo existe praticamente uniforme nas sociedades. A quebra dessa uniformidade convencional, feita pelo literato, dá origem à literatura. Exemplifiquemos por meio de sentenças:

#### 1) SIGNOS CONVENCIONAIS

Ex.: Comprei um gato.

Graficamente teríamos: Sig=  $\frac{\text{significante}}{\text{significado}} = \frac{\text{gato}}{\text{gato}}$

Ex.: Ganhei uma flor.

Graficamente teríamos: Sig=  $\frac{\text{significante}}{\text{significado}} = \frac{\text{flor}}{\text{flor}}$

#### 2) SIGNOS COM DESVIOS

Ex.: Meu irmão é um gato.

Graficamente teríamos: Sig- $\frac{\text{significante}}{\text{significado}}$  =  $\frac{\text{gato}}{??}$   
 Ex.: Mamãe é uma flor.  
 Graficamente teríamos: Sig- $\frac{\text{significante}}{\text{significado}}$  =  $\frac{\text{flor}}{??}$

Perguntamos: Nos exemplos do item dois, há realidade e verdade? Obviamente, sim. Outra pergunta: Há ficção? A resposta também é sim. Apenas a forma de dizer foi diferente.

Ora, se pequenos exemplos de desvio causam uma certa tensão, imaginem textos inteiros sendo o significante! Como entendê-los? Assim nasce o princípio da interpretação que estará, muitas vezes, ligada à maneira individual ou social de se ver o mundo. Veremos um exemplo deste, num texto familiar a todos - A parábola do semeador - em Mat. 13: 24-30. Tal passagem permite a conclusão de que, inicialmente, constitui apenas parte do signo: o significante. Por quê? Antes da resposta, vejamos a colocação dos principais elementos da parábola no gráfico do signo lingüístico.

#### SIGNIFICANTE

- |   |
|---|
| 1. Semeador<br>2. O campo<br>3. Boa semente<br>4. Joio<br>5. O inimigo<br>6. A ceifa<br>7. Os ceifeiros |
|---|

SIG-\_\_\_\_\_

SIGNIFICADO ?? Mat.13:36
--------------------------------

Os discípulos não entenderam o texto porque o signo foi

desviado. Não havia, inicialmente, significado que se ajustasse ao significante exposto por Cristo. Perguntamos: Há verdade no texto? Sim. Insistimos: Há ficção? Temos que introduzir imediatamente dois conceitos de ficção. O 1º, refere-se ao sentido negativo, pejorativo, isto é, fingimento, engano, logro; o 2º, refere-se à criação de uma supra-realidade, isto é, desvio ou "violação" do signo convencional imediato. No 1º caso, há uma intenção de ludibriar, mas no 2º, há um esforço para expressar melhor uma verdade para qual o signo vigente não está equipado para transmiti-la, ou há risco em segui-lo (Mat. 13:13). Nesse sentido, podemos afirmar que a resposta para a segunda pergunta também é sim.

Adiantamos que o papel do professor, inicialmente, deve ser o mesmo de Jesus para com os discípulos, expresso em Mat. 13: 37-43, isto é, trazer à tona o significado de um texto literário. Concluimos a exposição deste conceito de literatura, preenchendo o signo do texto em estudo.

#### SIGNIFICANTE

- |   |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Semeador</li> <li>2. O campo</li> <li>3. Boa semente</li> <li>4. Joio</li> <li>5. Inimigo</li> <li>6. A ceifa</li> <li>7. Os ceifeiros</li> </ol> |
|---|

SIG=

#### SIGNIFICADO

- |  |
|--|
| <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Filho do homem</li> <li>2. O mundo</li> <li>3. Filhos do reino</li> <li>4. Filhos do maligno</li> <li>5. O diabo</li> <li>6. Fim do mundo</li> <li>7. Anjos</li> </ol> |
|--|

Cada número do significante corresponde ao mesmo número do significado. Que sabedoria do Mestre!

Visualizamos exemplos de desvio do signo em frases e em um texto curto com situações simples de fácil encaixe. Porém, que desafios os professores de literatura temos quando o significante é um livro, especialmente quando somos conscientes de que não há texto literário inocente ou despretensioso! Toda obra traduz uma intenção consciente ou inconsciente, em virtude da carga cultural de quem o produz. Tal aspecto é fundamental para que desconfiemos sempre da aparente neutralidade de um texto; todos eles se propõem a determinados fins!<sup>5</sup>

#### O dito e o não-dito

Neste sentido, o professor precisa estar atento. A arte literária consiste em uma quebra contínua ou desvio do signo. O escritor sabe disso, aplica-a e sempre rir da "certeza" do que ensina. Por isso a literatura será sempre um discurso suspeito; e quanto mais desvie o signo e mais subverta a coerência do cotidiano e quebre os laços do previsível, mais conseguirá implantar, na mente do leitor desatento, os seus valores.

"Talvez o escritor professe ensinar uma lição de moral, pode entreter na obra sentimentos religiosos; freqüentemente, porém, isto não serve senão para velar a loucura e a vileza que se acham no fundo".<sup>6</sup>

Escondendo, o escritor revela. Mostrando uma idéia, na realidade esconde-a. O escritor manipula o signo, elabora um jogo ligüístico criando efeitos diversos e falsos valores, mas que emergem da obra como verdadeiros. Utilizando tal técnica, o literato constrói e derruba valores tendo em vista fazer o

leitor crer no que lê. O narrador, em suas estratégias, nas construções de enredos, dissimula os significados para melhor e mais claramente revelá-los.<sup>7</sup>

O professor de literatura deve estar atento a esses conflitos entre o que parece e o que realmente é para não cair nos artificios do jogo de quebra dos signos.

Tal técnica não é toda má. Ela também permite revelar uma realidade verdadeira inatingível por processos simples de linguagem, e, quando assim o é, uma obra literária só transmitirá valores sólidos, bons e corretos. Esse procedimento pode ser usado para o bem, mesmo assim, a primeira atitude do professor deve ser de vigilância. Um texto, às vezes, parte de um pressuposto verdadeiro e pode passar a dizer coisas que parece não estar dizendo. Para não ser seduzido pela cosmovisão do escritor, o professor deve ler tanto a linguagem explícita quanto as entrelinhas.

A educadora cristã Ellen G. White aconselha-nos quanto a esse tremendo perigo.

"Sentenças imprimem-se-lhe na memória. São-lhes sugeridos pensamentos. Quase inconscientemente o leitor é influenciado pelo espírito do escritor, e espírito e caráter recebem impressão para o mal."<sup>8</sup>

Registramos a seguir alguns princípios orientadores para um projeto de fé e ensino/aprendizagem para aulas de literatura.

1) Fortalecimento espiritual da mente do professor. O ser humano será aquilo que ler. A sua concepção a respeito de Deus fortalecer-se-á pelo contínuo alimentar das faculdades mentais da Palavra de Deus. E. G. White enfatiza muito esse aspecto. "É impossível um tono sadio de mente e princípios

religiosos corretos, a menos que desfrutem atenta leitura da Bíblia.<sup>9</sup>

2) Certeza da Bíblia como um antídoto contra falsos valores implícitos nos textos literários:

"Quando a mente humana está provida da verdade bíblica, seus princípios lançam profundas raízes na alma (...). O conhecimento bíblico demonstrar-se-á um antídoto para as venenosas insinuações de uma leitura...<sup>10</sup>

3) Compreensão da literatura de ficção como instrumento de transmissão de valores e que, dependendo do enredo, enriquece ou empobrece a experiência da vida. A obra prejudicial é aquela caracterizada como: corruptora e excitante<sup>11</sup>, estimulante<sup>12</sup>, barata<sup>13</sup>, fascinante<sup>14</sup>, leviana<sup>15</sup> ridícula, imoral, baixa e vulgar.<sup>16</sup>

4) Valorização da sala de aula como o ensejo oportuno ou privilegiado, onde devem ser expostos métodos e práticas para a formação de uma mente pensante diante de uma arte literária.

5) Orientação para a percepção de qualquer valor moral expresso numa obra em oposição aos valores bíblicos.

6) Valorização e coordenação de uma discussão entre a cosmovisão do aluno, do autor da obra e da Bíblia.

De posse de tais princípios, o professor de literatura nas escolas adventistas orientará os alunos quanto aos valores dentro de uma obra literária. E dentro de uma estrutura narrativa, mostrar que ao se julgar personagem, enredo, espaço, tempo, clímax e desfecho, na verdade, seleciona, aprova ou repugna-se valores e estilos de vida.

Desejamos, nos próximos parágrafos, mostrar e confrontar os principais valores (veiculados numa narrativa de ficção)

frutos do próprio desenrolar da História. Um conhecimento dos movimentos que nos cercam, bem como um embasamento teórico e prático dos valores bíblicos propiciarão ao professor percepção para descobrir uma literatura aceitável.

Num estudo em autoridades da área, faremos um paralelo entre os valores tradicionais - consolidados no século passado - e os valores novos - ainda como uma tendência da sociedade moderna, pois não estão totalmente consolidados.

Paralelo entre a cosmovisão tradicional e a moderna  
dos valores.

Os valores tradicionais.

#### 1) O individualismo

Tudo na sociedade tradicional partia do indivíduo e nele tinha seu maior sustentáculo. Embora ideais generosos visassem o benefício da coletividade prática, o individualismo forte e competitivo, acabou por se transformar no poder absoluto das minorias. As verdades absolutas foram a pedra angular. Na literatura, essa valorização ideal do indivíduo está nas características dos heróis ou personagens românticos: todos eles modelos das qualidades e virtudes consagradas pela sociedade, como padrões ideais a serem imitados.

#### 2) Obediência absoluta

Derivou da crença de que o sistema elaborado era perfeito. Portanto, para seu pleno sucesso na prática, haveria um só caminho para os homens: obediência absoluta às autoridades detentoras do saber e do poder (Igreja, Governo, Padrão, Pai,

Espaso). Não havia diálogo. Autoridade foi confundida com autoritarismo. Era proibido pensar.

Na literatura, as personagens são manipuladas sobre o conceito de mundo por visão unilateral.

### 3) O Sistema Social

Quanto ao trabalho: é visto de maneira dual: de um lado, o ideal democrata que valorizava o trabalho, como fenômeno de realização do indivíduo (na prática não havia a realização). E, do outro lado, o ideal aristocrata que valorizava os privilegiados, donos de bens de fortuna, que não precisavam exercer trabalho remunerado.

Quanto à família: a autoridade suprema e decisória era exercida pelo homem. O comportamento dos filhos e o funcionamento ideal do lar era responsabilidade da mulher paradoxalmente considerada apenas um ser para reprodução.

Na literatura, a "bênção" está sobre o homem e sobre os que não trabalhavam pelo esforço braçal.

### 4) Moral Dogmática

De caráter religioso, Deus é severamente tirânico com a conduta humana. Aqueles que seguiam apenas os conceitos explicitados pelo sistema, sem questionarem, seriam premiados no além-vida.

Na literatura essa moral aparece na rigidez de conduta e de limites. O livre arbítrio era privilégio de poucos.

### 5) Sociedade Sexófoba

Resultante de base religiosa, consolidou-se uma

sociedade que estigmatizou o sexo como pecado, proibido terminantemente sua fruição fora do casamento e fora da intenção de procriar. Tal intenção consagrou-se pelo Concílio de Trento, no séc. XVI. Numa sociedade extremamente machista (no mais forte sentido do termo) a interdição do sexo se restringia apenas às mulheres, cuja virtude máxima passou a ser a castidade.

Na literatura criou-se, através do "amor cortês", a idealização da mulher - ser inatingível, portanto, inexistente.

#### 6) Valorização do Passado

O passado é o modelo a ser seguido, respeitado e honrado por todos. Daí o culto aos grandes mestres da literatura e das artes em geral.

#### 7) Concepção da Vida

Vida - considerada uma passagem por este mundo tenebroso, por isso não se dava valor nenhum à matéria ou ao corpo. O culto das virtudes e das boas ações passam ser o ingresso para o paraíso, imediatamente após a morte. O inferno com conotações de dor e sofrimento eterno vira arma de controle das rebeldias.

A literatura sempre defende, pelo enredo, tal postura.

#### 8) Racionalismo

É a base do sistema. Tudo é explicado pela razão, apoiada ora pela religião, ora pela ciência. Daí a obsessão do pensamento tradicional em codificar racionalmente o comportamento humano...

De certa forma, na literatura isto emerge com a corrente

naturalista.

#### 9) Racismo

Marca a sociedade tradicional, como uma instituição que vem de tempos remotos: a escravidão de uma raça pela outra resultante das conquistas, sangrentas ou não, de territórios ambicionados por suas riquezas. E, como consequência, a escravização da força-trabalho dos vencidos. Nessa imensa luta pelo poder, a "raça branca" foi a vencedora.

A literatura tradicional procurou denunciar essa aviltante injustiça contra as raças consideradas "inferiores" pela raça vencedora, mas se limitou aos aspectos sentimentais e puramente humanos.

#### 10) O Jovem

Visto como um ser imaturo, ignorante. Daí a educação rigidamente disciplinadora, decorativa e punitiva. A literatura exemplar procurou levar o jovem leitor a assumir, precocemente, atitudes consideradas "adultas". Havia uma pressa para que ele saísse ou passasse rápido dessa faixa etária.

Conclusão: tais valores se transformaram em argumentos das narrativas, tipos de personagens, em linguagem literária, em temas, etc.

#### Os valores novos

O século XX está acabando com um paradoxo: as ciências, a tecnologia de ponta e conforto material das sociedades avançadas chegam a níveis jamais imaginados, porém os valores,

na sua maioria, têm baixado a índices assustadores. Vivemos em meio a uma "gelatina total"; excesso de relativismo.

Evidenciemos:

1) No espírito comunitário

Num mundo socializante, cresce a consciência de que o indivíduo é parte essencial do todo (Humanidade, Sociedade, Cosmos...) pelo qual cada um é intrinsecamente responsável.

Na literatura, surge a tendência de se substituir o herói individual, infalível, pelo grupo, formado por pessoas "normais". Ou então por personagens questionadoras das verdades tradicionais.

2) Descrédito da autoridade

Aceitação da relatividade dos valores impostos pelo poder absoluto. Surge a exigência de liberdade pessoal, para o conhecimento e interpretação das novas realidades nascentes no mundo. Daí as verdades múltiplas que se divulgam em tempos, ou a efemeridade dos "modismos intelectuais" e das "certezas". Enfim tende-se apenas para o dialético.

3) Sistema social

Quanto ao trabalho: tende a sobrepor o Fazer e o Ser ao Ter; difunde-se cada vez mais a concepção de trabalho, como meio de realização existencial, e não mero meio de "ganhar dinheiro".

Quanto à família: a hierarquia familiar rui. Entre o casal, os direitos e deveres do homem e da mulher tendem a se igualar. O único meio adotado para se atingir tal objetivo foi o

processo de liberação feminina, pelo direito inalienável da mulher trabalhar fora de casa e ter escolaridade.

As conseqüências desse modelo já emergem na literatura, ora através dos filhos que perderam a orientação segura do lar, ora por meio da igualdade entre rapazes e moças, não mais orientados pelo que é certo ou errado para o homem e para a mulher.

#### 4) Moral da responsabilidade

Considera-se o Eu responsável. O ser procurou agir "conscientemente" em face da relatividade dos valores atuais. O Criador, para as classes que ainda o aceitam, transforma-se apenas num amigo. O pecado é substituído por distúrbio mental e um elemento integrante indispensável na busca do correto. Não há um referencial seguro.

A literatura mescla os bons e maus valores, eximindo-se da responsabilidade de ser um aferidor, porém tendendo para a relativização.

#### 5) Sociedade sexólatra

Na modernidade, o sexo vem à tona como ato natural e, ao mesmo tempo, desfrutado abertamente como suprema liberação do ser; e como fim-em-si, isto é, sem abertura para o verdadeiro encontro, que a união sexual deve permitir, somente no casamento entre homem e mulher.

É esse um dos grandes problemas ressaltados pela literatura.

Urge que o sexo seja redescoberto, para além do natural e biológico somente, como um ato responsável de amor dentro do

casamento, e conseqüentemente como ato dinamizador da procriação concedido por Deus.

#### 6) Redescoberta do passado

O passado é visto como a "origem" do homem. Daí a tendência para revalorização (no caso do Brasil) do indígena e do negro. Apesar dos antropólogos, o escritor se sente elo entre o passado e o presente, consciente de uma escrita que lhe é anterior.

#### 7) Concepção da vida

A morte não existe mais. Embora continue a ser um mistério para a ciência, a morte começa a ser aceita como suprema metamorfose da vida. E não, o seu fim.

#### 8) Valorização da intuição

Novo método para conhecer profundamente o homem, a subjetividade põe em xeque a lógica convencional ou o senso comum, abre campo para outro conhecimento. Daí a orientalização (no nível das crenças) no ocidente.

#### 9) Anti-racismo

Tende-se à valorização das diferentes culturas, que correspondem às diferentes raças, na busca de descobrir e preservar a autenticidade de cada cultura. Na literatura há tendência de se colocar personagens das várias raças em pé de igualdade, de oportunidades.

#### 10) O jovem

Visto como um potencial a ser usado. Dessa postura

resulta uma exploração de trabalho, sexo, tráfico de toda espécie. A ansiedade, depressão e suicídio vitimam-no em índices assustadores. Felizmente, outra ala da sociedade (ainda que insuficiente) vê e investe positivamente no jovem.<sup>17</sup>

#### Final do paralelo

Eis aí alguns dados que nos cercam. Assim crê e procede a sociedade, em especial a ocidental. Cremos ser importante ao professor de literatura estar "sintonizado" com tais movimentos e bem firmado no "Assim diz Deus", não só no nível intelectual, mas também na vida espiritual e profissional. Não convém investir muito tempo e extenuante leitura nessa "sintonia", com o mundo sócio-político-econômico.

Ellen G. White, certa feita, aconselhou a uma jovem quanto a tal atitude. Cremos ser útil a nós:

"Sois uma dispéptica mental. Vossa mente tem se abarrotado de conhecimentos de toda espécie (...) dos quais apenas uma parte pode ser retirada pela maltratada memória." <sup>18</sup>

Melhor proveito terá o professor de literatura se dedicar mais tempo na "sintonia" com a Bíblia. "Escondi a tua palavra no meu coração para não pecar contra Ti" (Salmo 119:11).

O professor de literatura pode animar uma aula, por exemplo, coordenando um seminário com os alunos e formular uma terceira coluna bíblica dentro desse paralelo.

#### Conclusão

Finalmente, reforçamos a idéia de que a Bíblia é o referencial seguro para análises de obras literárias. Deve ser

internalizada primeiramente pelo professor, depois pelo estudante: "Acoroçoi as crianças e jovens a descobrirem seus tesouros (da Bíblia), tanto de pensamentos como de expressão."<sup>19</sup>

O professor pode, com esse método exposto, orientar e preparar os alunos para enfrentarem situações nas quais tenham que passar pelo crivo, por exemplo, de uma leitura obrigatória para um concurso.

Além disso, para eles fixarem os valores bíblicos, uma vez por semestre ou por ano, o professor poderá colocar um livro de literatura no "banco do réu", e fazer um julgamento. A Bíblia deverá ser o paradigma. Os alunos assumindo os papéis de juiz, jurados, promotores e advogados, vão vibrar.

Dessa forma, o professor de literatura pode, pela graça de Deus, participar no crescimento e consolidação da fé dos seus estudantes.

## REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

1. COELHO, Nelly Novaes. A Literatura Infantil. São Paulo, Atica, 1991, p.17.
2. ARISTOTELES. Poética. Trad. Eudoro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966, pp. 74 - 85
3. A Literatura Infantil, pp. 25 - 26
4. SILVA, Victor Manuel de Aguiar. Teoria da Literatura. Coimbra, Livraria Almedina, 1969, pp. 77 - 85.
5. FIORIN, Luiz José, e SAVOLIN, F. Platão. Para Entender o Texto. São Paulo: Atica, 1990, p. 141.
6. WHITE, Ellen G. A Ciência do Bom Viver. Tatuí-SP Casa Publicadora Brasileira, 1991, p.445.
7. Para Entender o Texto, p. 241.
8. WHITE, Ellen G. O Lar Adventista. Tatuí-SP: Casa Publicador Brasileira. 1990, p. 416.
9. Ibid., p. 417.
10. WHITE, Ellen G. Mente, Caráter e Personalidade-I Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1989, p. 96.
11. Ibid., p. 103.
12. O Lar Adventista, p. 413.
13. O Lar Adventista, p. 415.
14. WHITE, Ellen G. Testemunhos Seletos-III. Santo André-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985, p. 104.
15. WHITE, Ellen G. Testemunhos Seletos-I. Santo André-SP, Casa Publicadora Brasileira, 1984, pp. 569 - 570.
16. Ibid., p. 237.
17. A Literatua Infantil, pp. 18 - 24.
18. Testemunhos Seletos, p. 569.
19. WHITE, Ellen G. Educação. Santo André-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1977, p. 187.